



Intercom - Revista Brasileira de Ciências
da Comunicação

ISSN: 1809-5844

intercom@usp.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação
Brasil

Ximenes Cunha, Gustavo

A multiplicidade de vozes no discurso jornalístico: estudo da polifonia no Jornalismo à luz
de uma perspectiva modular da organização do discurso

Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 38, núm. 2, julho-
diciembre, 2015, pp. 159-183

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69842551009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A multiplicidade de vozes no discurso jornalístico: estudo da polifonia no Jornalismo à luz de uma perspectiva modular da organização do discurso

The multiplicity of voices in the journalistic discourse: study of polyphony in Journalism in light of a modular perspective of discourse organization

La multiplicidad de voces en el discurso periodístico: estudio de la polifonía en el Periodismo a la luz de una perspectiva modular de organización del discurso

DOI: 10.1590/1809-5844201529

Gustavo Ximenes Cunha

(Universidade Federal de Alfenas, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Sociedade. Varginha – MG, Brasil)

Resumo

Este artigo investiga as formas e as funções que os discursos representados exercem na construção dos discursos jornalísticos. No domínio jornalístico, é especialmente relevante o estudo da maneira como os jornalistas incorporam a seu discurso os discursos de suas fontes. Afinal, ao construir seu discurso, o jornalista se depara com uma questão delicada, que é a decisão de revelar ou não suas fontes e, se disposto a revelá-las, como transformar o discurso produzido por suas fontes em discurso representado. Com base em contribuições teóricas e metodológicas de um modelo da Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular do Discurso, o estudo focalizou uma produção discursiva bastante complexa do ponto de vista polifônico. Por meio da análise, foi possível constatar a complexidade das decisões que um jornalista precisa tomar, no momento de representar em seu discurso os discursos de outros agentes.

Palavras chave: Discurso jornalístico. Reportagem. Polifonia. Discurso representado. Modularidade.

Abstract

This article investigates the forms and the functions of discourses represented in the construction of journalist discourses. In the journalistic field, is especially relevant the study of how journalists represent the discourse of the other. When building his/her discourse, the journalist must decide if reveal or not his/her sources and, if his/her goes to reveal them, how to turn the discourse produced by his/her sources in discourse represented. Based on theoretical and methodological contributions of a model of discourse analysis, the Modular Approach to Discourse Analysis, the study focused on a discursive production quite complex. Through the analysis, it was possible to see the complexity of decisions that a journalist must make, when he/she represents in his/her discourse the discourses of other agents.

Keywords: Journalistic discourse. Report. Polyphony. Discourse represented. Modularity.

Resumen

Este trabajo investiga las formas y las funciones de los discursos representados en la construcción de discursos periodísticos. En el campo periodístico, es especialmente relevante el estudio de cómo entran en el discurso de los periodistas los discursos de sus fuentes. Al construir su discurso, el periodista se topa con una cuestión delicada, que es la decisión de revelar o no sus fuentes y, si dispuesto a revelarlos, cómo convertir el discurso producido por sus fuentes en el discurso representado. Basado en las contribuciones teóricas y metodológicas de un modelo de análisis del discurso, el Modelo Modular de Análisis del Discurso, el estudio se centró en una producción discursiva bastante compleja de el punto de vista polifónico. A través del análisis, fué posible ver la complejidad de las decisiones que debe tomar un periodista, cuando representa en su discurso a los discursos de otros agentes.

Palabras clave: Discurso periodístico. Informe. Polifonía. Discurso representado. Modularidad.

Introdução

No domínio jornalístico, é especialmente relevante o estudo da maneira como os jornalistas compõem seu discurso a partir dos discursos de suas fontes, tomando decisões relativas sobre como e por que mostrá-los ou ocultá-los. Muito mais do que simples escolhas estilísticas, essas decisões lançam luz sobre o trabalho do jornalista, que, conscientemente ou não, escreve seu texto sob o impacto ou sob as restrições de diferentes (e

divergentes) implicações profissionais, econômicas, éticas, políticas e sociais (VAN DIJK, 2008). Assim, a decisão por sustentar um ponto de vista com base na declaração de um especialista e não de um político ou por apresentar a voz de uma testemunha de forma direta e não indireta pode revelar as preferências, os preconceitos, as ideologias, os compromissos do jornalista e, conseqüentemente, do veículo de Comunicação em que atua.

Por isso, neste artigo, estuda-se o papel da polifonia no discurso jornalístico, a fim de investigar como os jornalistas incorporam em seu discurso as vozes de outras instâncias, bem como qual sua finalidade ao proceder a essa incorporação. Em outros termos, o objetivo é investigar as formas dos discursos representados, assim como as funções que exercem na construção de uma produção discursiva pertencente à esfera jornalística.

Neste estudo, busca-se contribuições teórico-metodológicas de um modelo da Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular do Discurso. Na perspectiva aberta por Bakhtin/Volochínov (1986[1929]) e Ducrot (1987), o modelo considera que a polifonia exerce papel fundamental na interação e, por isso mesmo, consegue ultrapassar a perspectiva redutora e formalista da gramática tradicional, que, de modo geral, se limita a uma descrição das formas do discurso direto, indireto e indireto livre.

O estudo da polifonia no discurso jornalístico será feito com base na análise deste trecho da reportagem “O passado ainda presente”, publicada na edição de 20/01/2010, da revista *IstoÉ*¹.

Foi assim no caso de Andreu Luiz Silva de Carvalho, que tinha 17 anos quando foi torturado até a morte no Departamento-Geral de Ações Socioeducativas (Degase), onde ficam presos os menores infratores do Rio de Janeiro. Acusado de roubar celular e dinheiro na praia de Ipanema, ele tinha sido mandado para aquela prisão pela segunda vez. Entrou no

¹ A reportagem faz a denúncia de casos recentes de tortura. Para se compreender melhor o trecho, destacamos que ele é antecedido imediatamente deste outro trecho: “Como mostram as denúncias, os abusos são prática comum entre policiais, agentes penitenciários, militares das Forças Armadas e até a Força Nacional de Segurança Pública. (...) O resultado é uma rotina de abusos cujas vítimas agora são majoritariamente os mais pobres”. Essa reportagem integra o *corpus* da pesquisa apresentada em Cunha (2013).

Degase (ex-Funabem) no primeiro dia de 2008 e recebeu como cartão de visita um soco no rosto. Revidou. Foi espancado e não viveu para contar a história. Segundo testemunhas, cinco funcionários da instituição, tendo à frente o agente Wilson Santos, submeteram Andreu a uma bárbara sessão de espancamento. “Quebraram cabos de vassoura para furar o corpo dele, jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”, relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos. “As testemunhas dizem que eles encheram sacos com cascas de coco vazio e bateram na cabeça do meu filho com eles.” O laudo do hospital para onde fora levado atestou “agressão física” e também o laudo da perícia apontou vários indícios de agressão. Apesar disso, ninguém foi punido até agora. Deize não se cansa de denunciar a tortura que matou seu filho e já foi ameaçada por isso. “Se me matarem, pelo menos vão saber que não desisti”, diz ela, que tem outros três filhos e mora no Morro do Cantagalo, em Copacabana, zona sul do Rio.

Antes de realizar a análise das formas e funções dos discursos representados nesse trecho, o qual exhibe uma grande complexidade do ponto de vista polifônico, segue uma breve caracterização do Modelo de Análise Modular do Discurso, que fornecerá os instrumentos teóricos e o percurso metodológico necessários a essa análise.

Modelo de Análise Modular do Discurso

O Modelo de Análise Modular do Discurso constitui um instrumento de descrição e explicação da complexidade discursiva. Em sua versão atual (FILLIETTAZ, 2004; FILLIETTAZ; ROULET, 2002; MARINHO, 2004; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2014), o modelo compõe um quadro teórico e metodológico que visa reunir, em uma mesma abordagem da complexidade da organização do discurso, as contribuições de pesquisadores que se centraram em aspectos isolados dessa organização. Por isso, o modelo modular constitui um quadro de análise, que permite integrar e articular, em uma perspectiva cognitivo-interacionista, as dimensões linguística, textual e situacional da organização do discurso.

Reconhecendo que o discurso é um objeto cuja organização e cujo funcionamento envolvem aspectos dessas diferentes dimensões, Roulet (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001)

encontra na modularidade um método satisfatório para dar conta da organização do discurso. Distanciando-se de abordagens cognitivistas, como a de Fodor, Roulet se vale das contribuições de estudiosos como Simon e Nølke, para os quais o estudo modular de sistemas complexos constitui uma abordagem metodológica, que visa descrever a organização do discurso e não o funcionamento da mente (FILLIETTAZ; ROULET, 2002).

Ao aplicar esse método ao estudo do discurso, o modelo modular considera ser possível descrever, por exemplo, o sistema da língua independentemente da situação de interação em que ela é utilizada, bem como descrever as estruturas sintáticas de uma produção discursiva sem fazer referência à estrutura conceitual que subjaz a ela. Descritas de modo independente das informações que participam da organização do discurso, o modelo postula ainda que essas informações podem ser combinadas, a fim de se descreverem os diferentes aspectos envolvidos na produção e na interpretação dessa organização complexa que é o discurso.

Conforme essa metodologia, identificam-se inicialmente os módulos que entram na composição do discurso. Um módulo é definido como um sistema de informações elementares, o qual deve fornecer a descrição de um domínio específico da organização discursiva. Nessa abordagem, considera-se que cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão linguística se constitui dos módulos *lexical* e *sintático*; a dimensão textual se constitui do módulo *hierárquico*; e a dimensão situacional se constitui dos módulos *interacional* e *referencial*.

Definidos os módulos, é possível descrever e explicar, em seguida, como as informações modulares se combinam em formas de organização do discurso. Na produção e na interpretação de toda forma discursiva, as informações de origem modular se inter-relacionam em unidades complexas de análise, que são as formas de organização. No modelo modular, distinguem-se dois tipos de formas de organização: as elementares e as complexas. As formas de organização elementares (*fono-prosódica*, *semântica*, *relacional*, *informacional*, *enunciativa*, *sequencial*, *operacional*) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos.

Já as formas de organização complexas (*periódica, tópica, polifônica, composicional, estratégica*) resultam da combinação ou acoplagem de informações extraídas dos módulos e das formas de organização elementares e/ou complexas.

No modelo, o estudo da polifonia se faz no interior de duas formas de organização: a enunciativa e a polifônica. Realiza-se o estudo da polifonia em duas formas de organização, a fim de dar conta de sua complexidade, que necessita da articulação de diversos planos da organização do discurso.

Em consonância com esse método, propomos estudar o trecho de uma reportagem apresentado na introdução, primeiro, do ponto de vista da forma de organização enunciativa e, em seguida, do ponto de vista da forma de organização polifônica.

Forma de organização enunciativa

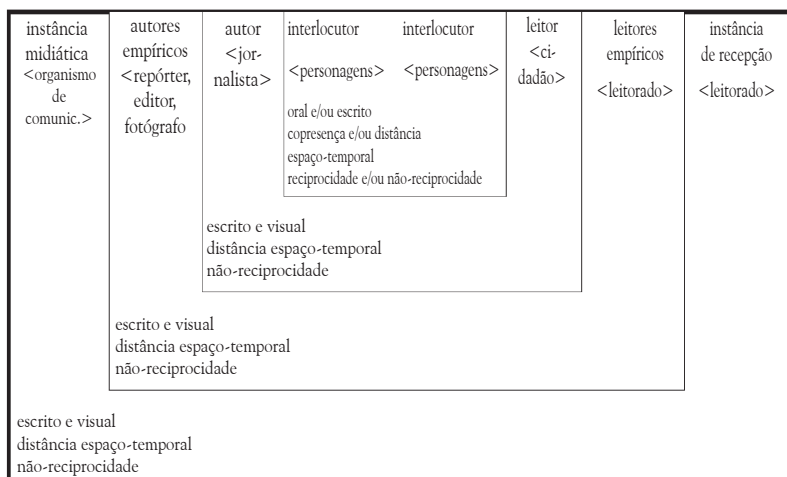
A forma de organização enunciativa resulta da combinação de informações provenientes dos módulos interacional, referencial, sintático e lexical. Essa forma de organização tem como finalidade distinguir os discursos produzidos dos discursos representados, bem como definir os tipos de discurso representado e as formas como os discursos representados se manifestam na superfície textual. Vale ressaltar que a análise proporcionada por essa forma de organização é basicamente descritiva e se justifica apenas como primeira etapa da forma de organização polifônica, que, como veremos mais adiante, investiga as funções que os discursos representados podem exercer.

Para distinguir os discursos produzidos dos representados, levam-se em conta informações de ordem interacional². No enquadre que resulta da análise desse módulo, verificam-se diferentes níveis de embotamento interacional. No caso da

² Em linhas gerais, o módulo interacional trata das propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que ele representa. Nesse sentido, toda interação se estabelece através de um canal, dispõe seus interactantes uns em relação aos outros no tempo e no espaço e define suas possibilidades de agir e de retro-agir (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

reportagem, gênero ao qual pertence o fragmento que será analisado, a interação entre personagens se dá em um nível interno em relação à interação entre autor (jornalista) e leitor (cidadão), a qual, por sua vez, é interna em relação à interação entre os autores e os leitores empíricos. Da mesma forma, a interação entre os autores e os leitores empíricos é interna em relação à interação entre a instância midiática (organismo de Comunicação) e a instância de recepção (o leitorado). Esses vários níveis de embotamento interacional podem ser representados por meio da figura 1:

Figura 1 – Enquadre interacional



Constitui o discurso produzido o discurso cujos responsáveis são as instâncias que ocupam o nível interacional mais externo ou elevado. Nas reportagens, são representados os discursos internos à interação entre a instância midiática e a instância de recepção. Isso porque o discurso produzido por uma testemunha torna-se discurso representado no discurso produzido pelo narrador. Da mesma forma, o discurso do narrador torna-se representado no discurso produzido pelo autor. Por fim, ao ser publicado por (e estar

institucionalmente subordinado a) um organismo de Comunicação, o discurso produzido pelo autor torna-se discurso representado.

Feita a distinção entre os discursos produzidos e os representados, a forma de organização enunciativa define, com base em informações lexicais, sintáticas e referenciais, as formas que os discursos representados assumem na superfície textual. Conforme o modelo, os discursos representados, do ponto de vista formal, podem ser *designados*, *formulados* ou *implicitados*.

- a) O discurso representado pode ser *designado* por um verbo (*suplicar*, *protestar*) ou por uma nominalização (*súplica*, *protesto*).
- b) O discurso representado pode ser *formulado*, o que pode ser feito de maneira direta ou indireta. Tanto o discurso direto quanto o indireto possuem uma forma explícita e outra implícita (DOLABELLA, 1999; MAINGUENEAU, 2008). Explicita-se o discurso direto por meio de verbos de fala (*dicendi*), dois-pontos, travessão e/ou aspas, marcas lexicais e tipográficas cuja função é explicitar a fronteira entre duas enunciações, a produzida e a representada. O discurso direto implícito – ou discurso direto livre, na terminologia de Maingueneau (2008) – se caracteriza pela ausência dessas marcas e, conseqüentemente, da indicação da fonte do discurso representado. Já o discurso indireto se torna explícito ao ser integrado sintaticamente como objeto direto de um verbo de fala e ao ter modificados os eventuais elementos dêiticos de lugar, tempo e pessoa da enunciação representada. Por sua vez, o discurso indireto implícito, tradicionalmente denominado discurso indireto livre, não se limita a prescindir das marcas tradicionais do discurso indireto.
- c) O discurso representado pode ser apenas *implicitado* por um conector. Nesse caso, o conector, geralmente em começo de réplica, articula o constituinte textual que introduz e uma informação com origem em discurso produzido por outra instância enunciativa (ROULET *et al*, 1985; ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Como as produções discursivas costumam ser heterogêneas do ponto de vista enunciativo, os tipos de discurso representado, bem como as diferentes formas de representá-los podem aparecer (e frequentemente aparecem) combinadas, o que tem como fim produzir diferentes efeitos de sentido.

Para possibilitar a compreensão do modo como o jornalista compõe seu discurso a partir de outras vozes, passo a estudar a forma de organização enunciativa do fragmento de uma reportagem apresentado na introdução³. Esse trecho, que relata um caso recente de tortura, apresenta grande concentração de discursos representados⁴.

I[Au[N[(01) Foi assim no caso de Andreu Luiz Silva de Carvalho, (02) que tinha 17 anos (03) quando foi torturado até a morte no Departamento-Geral de Ações Socioeducativas (Degase), (04) onde ficam presos os menores infratores do Rio de Janeiro. FI[(05) Acusado de roubar celular e dinheiro na praia de Ipanema, (06) ele tinha sido mandado para aquela prisão pela segunda vez.] Te[(07) Entrou no Degase (ex-Funabem) no primeiro dia de 2008 (08) e recebeu como cartão de visita um soco no rosto. (09) Revidou. (10) Foi espancado (11) e não viveu para contar A[a história.]] (12) Segundo testemunhas, Te[(13) cinco funcionários da instituição, tendo à frente o agente Wilson Santos, submeteram Andreu a uma bárbara sessão de espancamento.] M[(14) “Quebraram cabos de vassoura (15) para furar o corpo dele, (16) jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”,] (17) relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos. M[(18) “As testemunhas dizem que Te[eles encheram sacos com cascas de coco vazio (19) e bateram na cabeça do meu filho com eles.”]] (20) O laudo do hospital para onde fora levado atestou LH [] “agressão física” (21) e também o laudo da perícia apontou LP [] vários indícios de agressão. (22) Apesar disso, ninguém foi punido até agora. (23) Deize não se cansa de denunciar M[a tortura que matou seu filho] (24) e já foi ameaçada To

³ Como convenções estabelecidas para a forma de organização enunciativa, os discursos designados são indicados por colchetes vazios colocados após os termos que os designam; os discursos formulados são indicados entre colchetes; os discursos implicitados são indicados por colchetes vazios colocados antes do conector. Em todas as indicações de discurso representado, antecede os colchetes a indicação sobre a origem da voz responsável pelo discurso. A numeração indica que o fragmento foi segmentado em atos. O ato constitui a menor unidade de análise do modelo modular.

⁴ I = instância midiática. Au = autor. N = narrador. Te = testemunhas. FI = fonte indefinida (testemunhas, mãe do garoto, policiais, etc). A = Andreu. M = mãe. LH = laudo do hospital. LP = laudo da perícia. To = torturadores.

[] por isso. M[(25) “Se me matarem, (26) pelo menos vão saber que não desisti”,] (27) diz ela, (28) que tem outros três filhos e mora no Morro do Cantagalo, em Copacabana, zona sul do Rio.]]]

No trecho, do ponto de vista interacional, o discurso produzido pelo narrador (jornalista) é representado em relação ao discurso dos autores empíricos (repórteres e editores) e da instância midiática (organismo de Comunicação). Esse embotamento de níveis interacionais explica, em grande medida, a seleção e a forma de apresentação das vozes constantes nessa sequência.

A reportagem de que faz parte o trecho em análise aborda a criação do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos e traz como subtítulo o segmento: “Enquanto se discute a punição a crimes do regime militar, a tortura continua uma prática comum no Brasil”. Observa-se que os autores da reportagem buscam produzir um discurso que focalize não as torturas cometidas durante o período da Ditadura Militar, mas as que são praticadas hoje. Para isso, vão construir um texto em que se ouvem as vozes de vítimas recentes da tortura praticada no país e não as vozes de especialistas em direitos humanos, de autoridades governamentais ou de vítimas de torturas praticadas em outros períodos.

Assim, ao tratar de um caso específico de tortura, o narrador representa apenas o discurso de fontes primárias, que são aquelas que fornecem versões do acontecimento, abstendo-se de representar o discurso de fontes secundárias, que, nesse caso, poderiam ser, como exposto, especialistas em direitos humanos.

Na representação do discurso dessas fontes, o narrador traz de forma indireta a voz das testemunhas (Te). Essa apresentação indireta se dá de maneira explícita nos segmentos em que há marcas linguísticas que fazem crer na ocorrência de outra enunciação, como ocorre em:

(12) Segundo testemunhas, Te[(13) cinco funcionários da instituição, tendo à frente o agente Wilson Santos, submeteram Andreu a uma bárbara sessão de espancamento].

A apresentação indireta da voz de fontes primárias ocorre de forma implícita nos segmentos em que nenhuma marca linguística

senaliza que o narrador representa um discurso colhido em outra situação enunciativa. É o que ocorre em:

FI[(05) Acusado de roubar celular e dinheiro na praia de Ipanema, (06) ele tinha sido mandado para aquela prisão pela segunda vez.]

A impossibilidade de haver narrador onisciente no Jornalismo faz perceber que esse trecho constitui um segmento de discurso representado, cuja instância enunciativa responsável é uma fonte indefinida (FI). De fato, o narrador só pode saber o motivo da prisão do jovem torturado mediante o depoimento de alguém, que, nesse trecho, pode ser uma testemunha, a mãe do jovem ou um policial.

Na apresentação do discurso de suas fontes, o jornalista apresenta de forma direta e explícita apenas a voz da mãe do jovem torturado (M):

MI[(14) “Quebraram cabos de vassoura (15) para furar o corpo dele, (16) jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”,] (17) relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos.

No discurso produzido pela mãe, há a representação do discurso de testemunhas (Te):

MI[(18) “As testemunhas dizem que Te[eles encheram sacos com cascas de coco vazio (19) e bateram na cabeça do meu filho com eles.”]]

A representação de um discurso na fala dessa personagem aponta para a complexidade do enquadre interacional desse trecho da reportagem. Em relação ao nível interacional em que se situam narrador e narratário, a interação entre a mãe do jovem e o jornalista é interna. A representação do discurso de testemunhas no depoimento da mãe indica a existência de um nível interacional ainda mais interno, em que a mãe interage com as testemunhas da tortura sofrida por seu filho. No discurso produzido pela mãe, o discurso das testemunhas é representado de forma indireta e explícita (*As testemunhas dizem que*).

Além de representar o discurso formulado por testemunhas e familiares do jovem torturado, o jornalista representa o discurso de outras fontes, como os laudos da perícia e do hospital para onde o jovem foi levado. A representação desses discursos é feita de forma designada, por meio dos verbos *atestou* (ato 20) e *apontou* (ato 21).

Na continuação deste trabalho, apresentamos a análise da forma de organização polifônica do trecho da reportagem, com o fim de aprofundar a análise descritiva realizada nesta etapa.

Forma de organização polifônica

O estudo da forma de organização polifônica tem como finalidade investigar as funções dos discursos representados no discurso produzido. Para isso, essa forma de organização aprofunda os resultados alcançados com a análise enunciativa, combinando-a com a análise de módulos e de outras formas de organização do discurso.

Neste artigo, combina-se a análise da forma de organização enunciativa com as análises de outras formas de organização, com o objetivo de mostrar como o estudo das interrelações entre diferentes planos do discurso contribui para a compreensão do fenômeno da polifonia no discurso jornalístico. Num primeiro momento, a análise enunciativa será combinada com a organização relacional. Em seguida, será combinada com a organização sequencial. E, por fim, será combinada com a organização informacional.

Combinando as formas de organização enunciativa e relacional

Uma das bases da forma de organização relacional é o módulo hierárquico. Nesse módulo, considera-se que toda interação verbal se caracteriza por um processo de negociação em que os interactantes iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam. Cada uma dessas fases se textualiza em uma intervenção, que pode ser hierarquicamente complexa, tendo em vista as restrições de natureza dialogal e monologal.

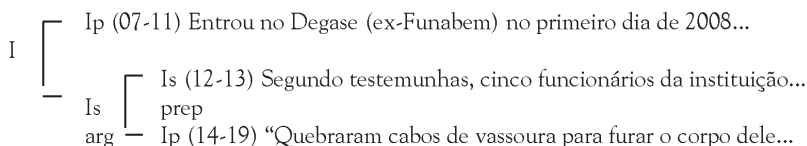
Combinando informações hierárquicas, lexicais e referenciais, a forma de organização relacional tem como um de seus objetivos

identificar as relações interativas genéricas, que refletem as manobras realizadas pelo locutor/autor para atender à restrição de completude monologal. As relações interativas, que se dão no interior da intervenção, são argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário e clarificação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, CUNHA, 2012).

A acoplagem das formas de organização enunciativa e relacional permite identificar a função que os discursos representados exercem no nível relacional. No trecho em análise, o jornalista narra a tortura sofrida por Andreu neste segmento de discurso representado:

Te[(07) Entrou no Degase (ex-Funabem) no primeiro dia de 2008 (08) e recebeu como cartão de visita um soco no rosto. (09) Revidou. (10) Foi espancado (11) e não viveu para contar A[a história.]]

Do ponto de vista relacional, esse segmento corresponde a uma intervenção hierarquicamente principal (Ip) em relação ao constituinte em que o jornalista traz argumentos para evidenciar que a tortura foi bastante intensa (12-19)⁵.



Como esclarece Charaudeau (2006, p.147), “a instância midiática não pode, evidentemente, inventar as notícias”. É por essa razão que no Jornalismo, ao contrário do que ocorre na literatura, os acontecimentos narrados não podem ser fictícios. É essa impossibilidade que permite identificar no segmento (07-11)

⁵ Nesta nota, apresentamos informações sobre as siglas que são utilizadas na composição das estruturas hierárquico-relacionais expostas neste item. Informações de natureza hierárquica: ato = A, intervenção = I, principal = p, subordinado = s. Informações de natureza relacional: preparação = prep, argumento = arg, sucessão = suc, comentário = com.

a presença de outra voz e não apenas a do jornalista. Com esse segmento de discurso representado implícito indireto, o jornalista faz parecer que esteve presente no momento da tortura e que as informações expressas não foram colhidas junto a fontes. E, ao ancorar esse segmento em um constituinte principal, ele indica ao leitor a importância maior que deve ser atribuída a esse discurso representado.

Na intervenção (12-19), o jornalista traz três segmentos de discurso representado. Essas diferentes vozes, como evidencia a estrutura acima, funcionam como argumento (arg) para reforçar a gravidade da tortura sofrida por Andreu, tortura mencionada na Ip (07-11). Na Is (12-19), o primeiro dos três segmentos de discurso representado traz a voz de testemunhas informando que a tortura foi praticada por cinco funcionários do Degase.

(12) Segundo testemunhas, Te[(13) cinco funcionários da instituição, tendo à frente o agente Wilson Santos, submeteram Andreu a uma bárbara sessão de espancamento.]

Como mostrado na estrutura acima, esse segmento em discurso indireto explícito funciona como uma preparação (prep) para os dois outros discursos representados dessa intervenção, os quais são expressos nos atos (14-19). Nesses dois outros segmentos de discursos representados, o jornalista traz a mãe de Andreu denunciando a tortura sofrida pelo filho:

M[(14) “Quebraram cabos de vassoura (15) para furar o corpo dele, (16) jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”,] (17) relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos. M[(18) “As testemunhas dizem que Te[eles encheram sacos com cascas de coco vazio (19) e bateram na cabeça do meu filho com eles.”]]

Ao preparar esse trecho com um segmento em discurso indireto explícito (12-13), o jornalista consegue colocar em destaque o depoimento da mãe de Andreu. Esse destaque se obtém tanto no nível relacional, quanto no nível enunciativo. Do ponto de vista relacional, o estatuto principal do constituinte em que esse depoimento se ancora e a função preparatória do

segmento em discurso indireto explícito colocam o depoimento da mãe em evidência.

Do ponto de vista enunciativo, também coloca esse depoimento em destaque o contraste que se opera entre o segmento de discurso indireto explícito (a fala de testemunhas) e os segmentos em discurso direto explícito (o depoimento da mãe). Isso porque, enquanto no discurso indireto explícito a enunciação representada é absorvida pela enunciação efetiva, no discurso direto explícito a enunciação representada mantém sua autonomia em relação à enunciação efetiva (MAINGUENEAU, 2008).

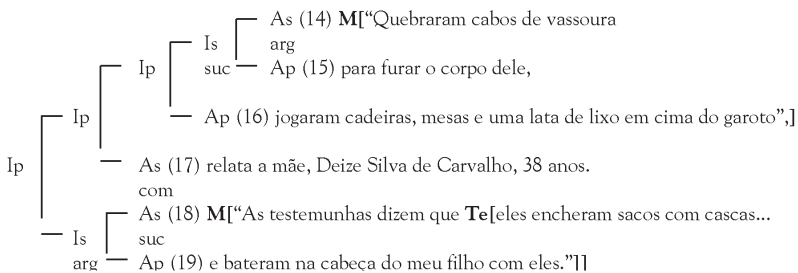
Representar de forma direta e explícita o discurso da mãe do jovem torturado é um recurso que, por si só, possibilita ao jornalista tornar o relato da tortura ainda mais dramático e mais de acordo com uma reportagem que busca chamar a atenção do leitor para a constância de práticas de tortura no país. Mas o destaque dado pelo jornalista ao depoimento da mãe tanto no nível relacional (alçando-o ao estatuto de constituinte principal) quanto no enunciativo (contrastando-o com um segmento de discurso indireto explícito) contribui para tornar esse depoimento ainda mais dramático.

Essa estratégia do jornalista de imprimir dramaticidade à reportagem, se o ajuda a construir para si a imagem⁶ de profissional que se compadece do sofrimento alheio e que dá voz a cidadãos com poucas chances de se expressar na mídia hegemônica, contribui para distanciar seu discurso de um Jornalismo dito de referência, que, em tese, não apela para as emoções do leitor (BURGER, 2004).

Na intervenção (14-19), o jornalista utiliza o segundo segmento em discurso direto explícito (atos 18-19) como argumento para reforçar a informação dada no primeiro segmento em discurso direto explícito (atos 14-15) acerca da brutalidade dos torturadores. A relação de argumento entre esses segmentos de discurso representado pode ser visualizada por meio desta

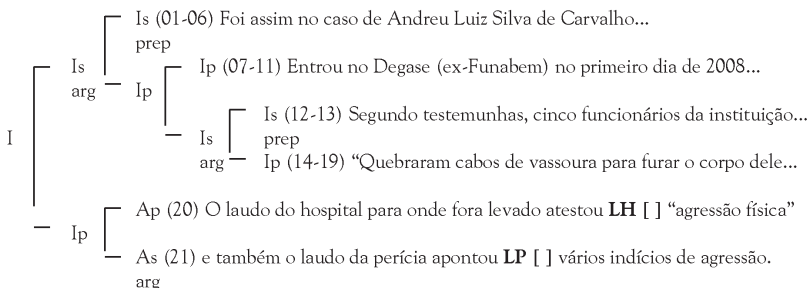
⁶ No modelo modular, o estudo sistemático da construção de imagens (faces) no discurso se faz na forma de organização estratégica (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2013, 2014).

estrutura, que resulta da acoplagem das análises enunciativa e relacional da Ip (14-19):



Ao articular diferentes segmentos de discurso direto explícito por meio de uma relação de argumento, o jornalista cria o efeito de que o leitor tem acesso direto ao depoimento da mãe e de que foi mínima sua interferência na construção do trecho. Com efeito, o único segmento de discurso produzido nessa intervenção é o ato (17), que possui um estatuto de constituinte subordinado em relação ao primeiro segmento de discurso direto explícito (Ip 14-16).

Do ponto de vista macroestrutural, todos os segmentos de discurso representado analisados até o momento entram na composição de uma intervenção (Is 01-19) que é empregada pelo jornalista como argumento para comprovar o que vão atestar o laudo do hospital para onde Andreu foi levado, bem como o laudo da perícia:



É interessante notar que a Ip (20-21) traz justamente os dois discursos representados de forma designada: *atestou* (ato 20) e *apontou* (ato 21). A presença desses discursos auxilia na construção da imagem de um jornalista que, na busca por informar o leitor, não se limita apenas a ouvir a versão de testemunhas do acontecimento, mas se pauta em documentos técnicos, como laudos. Ao subordinar as vozes de testemunhas às informações dos laudos, o autor sinaliza a influência dos níveis mais externos do enquadre interacional (figura 1) sobre seu discurso, em que o organismo ou veículo de Comunicação dialoga com o leitorado. Afinal, ele se mostra consciente de que a revista de informação para a qual trabalha procura se apresentar como um veículo de Comunicação de referência, que, apesar da concorrência comercial com outros veículos, não buscaria angariar a atenção do leitor/consumidor apelando exclusivamente às suas emoções.

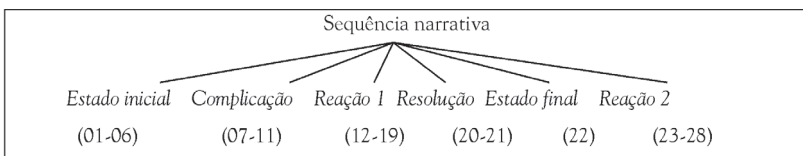
Assim, o jornalista se vale das vozes de testemunhas, mas, na parte principal de seu texto, traz as vozes de discursos “autorizados”, com os quais ele pode se defender de eventuais ataques quanto à veracidade dos outros discursos representados e com os quais ele informa implicitamente ao leitor que seu intuito é fazer um Jornalismo “sério” e não sensacionalista.

Combinando as formas de organização enunciativa e sequencial

Combinando informações hierárquicas e referenciais, a forma de organização sequencial tem como fim segmentar o discurso em sequências. Para isso, define uma tipologia discursiva a ser aplicada na análise de toda produção linguageira (tipos narrativo, descritivo e deliberativo). Com essa tipologia, é possível extrair as sequências discursivas em que os tipos de discurso se atualizam (sequências narrativas, descritivas e deliberativas) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; CUNHA, 2010).

A combinação das formas de organização enunciativa e sequencial permite identificar a função dos discursos representados na composição das sequências. Do ponto de vista sequencial, o trecho em análise constitui uma sequência narrativa, tendo

em vista que esse trecho atualiza a representação praxeológica característica do tipo narrativo (CUNHA, 2013).



Em sequências narrativas de reportagens, a *complicação* expressa os acontecimentos centrais que motivaram a própria escrita da reportagem e em relação aos quais os demais episódios indicam um antes e um depois, apresentam esclarecimentos e justificativas ou expressam uma postura avaliativa por parte de alguma instância enunciativa (CUNHA, 2013).

Na sequência em análise, a *complicação* é toda constituída por um segmento em discurso indireto implícito:

Te[(07) Entrou no Degase (ex-Funabem) no primeiro dia de 2008 (08) e recebeu como cartão de visita um soco no rosto. (09) Revidou. (10) Foi espancado (11) e não viveu para contar A[a história.]]

O jornalista opta por trazer na parte mais importante da sequência narrativa não um discurso produzido, mas um discurso representado, uma vez que ele soube dos detalhes da tortura por meio de terceiros. Porém, o jornalista não identifica a fonte desse discurso representado.

Conforme Charaudeau (2006), não identificar uma fonte, como ocorre nos segmentos de discurso indireto implícito, pode ter como consequência criar um efeito de evidência, por meio do qual o jornalista faz parecer que os acontecimentos narrados se produziram de fato e não foram “filtrados” pelo ponto de vista de uma fonte. É esse o efeito que o jornalista parece querer produzir nesse segmento (07-11). Se identificasse a fonte, o leitor poderia se perguntar: “Será que o que essa testemunha disse aconteceu mesmo?” Questionamentos como esse, recaindo sobre a própria *complicação* da sequência narrativa, são perigosos, porque colocariam sob suspeita todas as informações expressas posteriormente. Com

o segmento em discurso indireto implícito, o jornalista minimiza a possibilidade de questionamentos dessa natureza.

Ao mesmo tempo, a estratégia de empregar o discurso indireto implícito para não revelar a fonte pode ter um efeito contrário junto ao leitor, que, se inferir a presença de outra voz, pode se questionar sobre as razões que levaram o jornalista a omitir a instância responsável por essa voz. Nesse caso, é a credibilidade do jornalista que sofrerá abalo. Verifica-se, então, que, no domínio jornalístico, a escolha por não revelar a fonte de informações, embora seja procedimento cada vez mais comum (CHARAUDEAU, 2006; CUNHA, 2013), constitui um risco para o jornalista.

Vale notar também que as duas *reações* da sequência se constituem de segmentos em que o jornalista representa o discurso de personagens. Na primeira, ouvem-se as vozes de testemunhas e da mãe de Andreu.

(12) Segundo testemunhas, **Te**[(13) cinco funcionários da instituição, tendo à frente o agente Wilson Santos, submeteram Andreu a uma bárbara sessão de espancamento.] **M**[(14) “Quebraram cabos de vassoura (15) para furar o corpo dele, (16) jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”,] (17) relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos. **M**[(18) “As testemunhas dizem que **Te**[eles encheram sacos com cascas de coco vazio (19) e bateram na cabeça do meu filho com eles.”]]

Na segunda *reação*, que corresponde ao segmento que finaliza a sequência, ouve-se em especial a voz da mãe:

(23) Deize não se cansa de denunciar **M**[a tortura que matou seu filho] (24) e já foi ameaçada **To** [] por isso. **M**[(25) “Se me matarem, (26) pelo menos vão saber que não desisti”,] (27) diz ela, (28) que tem outros três filhos e mora no Morro do Cantagalo, em Copacabana, zona sul do Rio.]

No Jornalismo, compor *reações* com avaliações feitas por terceiros é um recurso bastante engenhoso, ainda mais em uma sequência que trata de acontecimentos polêmicos. Esse recurso faz parecer que o jornalista se manteve imparcial ao longo de toda a sequência. Afinal, ele não se responsabiliza por nenhuma

das avaliações de acontecimentos relativos à tortura. Assim, o jornalista consegue criar novamente o efeito de que seu papel se limitou a representar fatos ocorridos em outra situação, bem como as opiniões de testemunhas sobre esses fatos.

Mas, ao mesmo tempo em que busca produzir esse efeito de imparcialidade, o jornalista compõe as *reações* com segmentos em que representa a voz da mãe de Andreu, o que contribui para imprimir maior dramaticidade à sequência.

Combinando as formas de organização enunciativa e informacional

O estudo da forma de organização informacional combina informações hierárquicas, referenciais, lexicais e sintáticas para descrever os encadeamentos de cada ato em informações da memória discursiva⁷. Cada ato ativa uma informação, que se ancora em pelo menos uma informação ou ponto de ancoragem da memória discursiva. O ponto de ancoragem imediato é o *tópico*, que diz respeito à informação mais diretamente acessível da memória discursiva na qual o ato se encadeia.

Essa forma de organização trata ainda dos tipos de progressões informacionais por meio dos quais os atos se ligam aos tópicos. Os tipos de progressões considerados pelo modelo modular são: *encadeamento ou progressão linear* (o tópico de um ato tem origem na informação ativada no ato imediatamente anterior); *encadeamento ou progressão com tópico constante* (uma sucessão de atos se ancora num mesmo tópico); *encadeamento à distância* (o tópico de um ato tem origem não no ato precedente, mas num ato mais distante) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, CUNHA, 2009).

A combinação das formas de organização enunciativa e informacional é importante por possibilitar a identificação dos tópicos dos segmentos de discursos representados. Em outros termos, com essa acoplagem, o analista pode identificar a informação da memória discursiva em que os segmentos de discursos representados se encadeiam.

⁷ A memória discursiva é definida como o “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (BERRENDONNER, 1983, p.230).

Na sequência em análise, a maior parte dos atos se ancora no conceito *Andreu Luiz Silva de Carvalho*, ativado no primeiro ato da sequência: “Foi assim no caso de Andreu Luiz Silva de Carvalho”. Essa característica da sequência se deve ao fato de que, como é comum ocorrer nas sequências narrativas (GROBET, 1999), o personagem central costuma ser o tópico em que a maior parte dos atos se encadeia. É o que exemplifica este segmento de discurso indireto implícito:

(07)	(Andreu Luiz Silva de Carvalho) Entrou no Degase (ex-Funabem) no primeiro dia de 2008	Tópico constante
(08)	(Andreu Luiz Silva de Carvalho) e recebeu como cartão de visita um soco no rosto.	Tópico constante
(09)	(Andreu Luiz Silva de Carvalho) Revidou.	Tópico constante
(10)	(Andreu Luiz Silva de Carvalho) Foi espancado	Tópico constante
(11)	(Andreu Luiz Silva de Carvalho) e não viveu para contar a história.	Tópico constante

Como esse segmento representa o discurso de testemunhas da tortura sofrida por Andreu, não surpreende que o tópico de todos os atos seja o jovem torturado. Além disso, por ser o personagem central uma informação bastante acessível na memória discursiva, o encadeamento do ato nessa informação não costuma ser explicitado por nenhum traço tópico. É o que ocorre no trecho acima.

Porém, nos segmentos em que o jornalista representa o discurso da mãe de Andreu, nenhum dos atos se encadeia neste personagem, contrariando a expectativa de que o tópico dos atos pronunciados pela mãe de um jovem torturado seria o próprio filho. Esta é a estrutura informacional do primeiro segmento em que o jornalista representa a fala da mãe de Andreu.

(14)	(torturadores) “Quebraram cabos de vassoura	Progressão linear
(15)	(torturadores) para furar o corpo dele,	Tópico constante
(16)	(torturadores) jogaram cadeiras, mesas e uma lata de lixo em cima do garoto”,	Tópico constante
(17)	(“Quebraram cabos... em cima do garoto”) relata a mãe, Deize Silva de Carvalho, 38 anos.	Progressão linear
(18)	“As testemunhas dizem que eles [torturadores] encheram sacos com cascas de coco vazio	Encadeamento à distância
(19)	(torturadores) e bateram na cabeça do meu filho com eles.”	Tópico constante

A maior parte dos atos se encadeia no tópico *torturadores*. Ainda que mencione Andreu, a mãe direciona seu discurso contra os torturadores do filho, fazendo deste um ponto de ancoragem de segundo plano. Assim, seu objetivo, conforme a representação que o jornalista faz de seu discurso, é mais denunciar e detalhar a ação dos torturadores do que lamentar a morte do filho. Com isso, o jornalista busca, além de sensibilizar o leitor, construir uma imagem positiva da mãe de Andreu.

O outro segmento em que o jornalista representa o discurso da mãe do jovem torturado é a parte final da sequência. Nesse segmento, o tópico não se constitui mais da informação *torturadores*. Nele ela passa a falar de si mesma e de sua perseverança em denunciar os torturadores de seu filho.

(23)	Deize não se cansa de denunciar a tortura que matou seu filho	Encadeamento à distância
(24)	(Deize) e já foi ameaçada por isso.	Tópico constante
(25)	(Deize) “Se me matarem,	Tópico constante
(26)	(Deize) pelo menos vão saber que não desisti”,	Tópico constante
(27)	(“Se me matarem, pelo menos vão saber que não desisti”) diz ela,	Progressão linear
(28)	que [Deize] tem outros três filhos e mora no Morro do Cantagalo, em Copacabana, zona sul do Rio.	Progressão linear

Representando um discurso em que a mãe fala de si, o jornalista contribui ainda mais para imprimir dramaticidade à sequência e valorizar a imagem da mãe de Andreu. A busca do jornalista por construir uma imagem favorável de Deize se evidencia pelo ato (23), que antecede o segmento de discurso representado direto explícito: “Deize não se cansa de denunciar a tortura que matou seu filho”.

Considerações finais

Apesar de o estudo ter focalizado apenas um curto fragmento de uma reportagem, ele permitiu mostrar a complexidade das decisões que um jornalista precisa tomar, no momento de

representar em seu discurso os discursos produzidos por suas fontes. Nesse estudo, vimos como os diferentes segmentos de discurso representado auxiliam o jornalista de diversas maneiras, exercendo diferentes funções. Por meio desses segmentos, ele busca imprimir dramaticidade ao texto, valorizar a imagem de personagens, chamar a atenção para determinadas informações, apresentar-se como profissional imparcial e merecedor de credibilidade etc.

A produção desses diferentes efeitos aponta para o fato de que a escrita jornalística está submetida a tensões divergentes. Por um lado, os veículos de Comunicação ditos de referência devem produzir um objeto de saber ou de conhecimento, cuja função é permitir à instância cidadã agir de forma socialmente responsável (CHARAUDEAU, 2006). Essa exigência explica o uso de estratégias que permitem ao jornalista mostrar-se merecedor de credibilidade, como, por exemplo, a representação das vozes de laudos técnicos. Por outro lado, os veículos de Comunicação são empresas que devem competir entre si pela fidelização do leitor/consumidor. Por esse motivo, devem produzir objetos de consumo atrativos. Essa exigência, oposta à primeira, explica o emprego de estratégias dramatizantes, como, por exemplo, a representação em discurso direto explícito da fala da mãe de um jovem torturado.

Utilizando o aparato teórico e metodológico do Modelo de Análise Modular do Discurso, este trabalho traz como contribuição mostrar que essas tensões, largamente estudadas e debatidas no Jornalismo (CHAPARRO, 2008), se inscrevem de forma explícita no discurso, tornando problemática toda classificação que separa de forma rígida os veículos de Comunicação entre os que podem e os que não podem ser considerados de referência.

Referências

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986[1929]. 208p.

BERRENDONER, Alain. "Connecteurs pragmatiques" et anaphore. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v.5, n.1, p.215-246, 1983.

BURGER, Marcel. La gestion des activités: pratiques sociales, roles

A MULTIPLICIDADE DE VOZES NO DISCURSO JORNALÍSTICO: ESTUDO
DA POLIFONIA NO JORNALISMO À LUZ DE UMA PERSPECTIVA MODULAR

interactionnels et actes de discours. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v.26, n.1, p.177-196, 2004.

CHAPARRO, Manuel C. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 325p.

CUNHA, Gustavo. X. O tratamento do tópico em uma perspectiva modular da organização do discurso. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.38, n.3, p.125-135, 2009.

CUNHA, Gustavo. X. A atuação de sequências do tipo narrativo em um texto jornalístico impresso. **Revista do GEL**, São Paulo, v.7, n.1, p.202-219, 2010.

CUNHA, Gustavo. X. A articulação discursiva do gênero artigo de opinião à luz de um modelo modular de análise do discurso. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.14, n.2, p.73-97, 2012.

CUNHA, Gustavo. X. **A construção da narrativa em reportagens**. 2013. 601 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CUNHA, Gustavo. X. **Para entender o funcionamento do discurso**: uma abordagem modular da complexidade discursiva. Curitiba: Appris, 2014.

DOLABELLA, Ana Rosa V. **O discurso relatado na imprensa brasileira**: jogo de estratégias de apropriação de vozes e de construção de efeitos. 1999. 378 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987. 290p.

FILLIETTAZ, Laurent. Négociation, textualisation et action: le concept de négociation dans le modèle genevois de l'organisation du discours. In: GROSJEAN, Michel; MONDADA, Lorenza (Orgs.) **La négociation au travail**. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2004. p.69-96.

FILLIETTAZ, Laurent; ROULET, Eddy. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. **Discourse Studies**, Thousand Oaks, v.4, n.3, p.369-392, 2002.

GROBET, Anne. L'organisation topicale de la narration. Les interrelations de

l'organisation topicale et des organisations séquentielle et compositionnelle. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v.21, n.1, p.329-368, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008. 238p.

MARINHO, Janice H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. **Revista da Anpoll**, São Paulo, v.16, n.1, p.75-100. 2004.

ROULET, Eddy *et al.* **L'Articulation du discours en français contemporain**. Berne: Lang, 1985. 256p.

ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Lang, 2001. 323p.

RUFINO, Janaína. **As minhas meninas: análise de estratégias discursivas em canções buarqueanas produzidas no período da Ditadura Militar**. 2011. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008. 287p.

Gustavo Ximenes Cunha

Professor Adjunto do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia e do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Sociedade do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas. Mestre e Doutor em Linguística (Análise do Discurso) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou pesquisa de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Tem publicado estudos sobre língua/ linguagem em revistas especializadas, e seus trabalhos investigam o impacto do contexto sobre diferentes planos da organização dos discursos midiático e organizacional. Em 2014, publicou *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. E-mail: gustavo.cunha@unifal-mg.edu.br

Recebido em: 13.06.2014

Aceito em: 11.12.2014